

## AMOR: PERSPECTIVAS ATEMPORAIS

Pâmera Ferreira Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

A ideia central desse artigo é destacar a forma completa do amor (amor, amar e amante) e o ele não sabia presente na fala de Sócrates, no Banquete de Platão, e discutido por Lacan, em seu seminário 8, entendendo que esse último é uma estratégia de surdir o amor que está presente também na forma como ele é entendido na contemporaneidade. Outro tema que terá palco nesta apresentação é, o personagem, Sr. José, da obra Todos os Nomes, de José Saramago, pois fará essa ponte entre um texto antigo que adquire sua renovação nas ideias discutidas por autores na atualidade, como Lacan e Saramago. O Sr. José gozava com o desejo de não mais desejar e um simples acaso mudou essa condição, revelou-lhe a falta e tirou-lhe dessa repetição, permitindo experiências nada extraordinárias, mas uma vida com o sentido que o Sr. José quis dar, e a qual ele se entrega por inteiro, é vivendo o ordinário que o personagem experimenta, enfim, sua singularidade. De certa forma, unir literatura e psicanálise é deixar atualizada essa ligação entre o antigo e o contemporâneo, pois a concepção de subjetividade e inconsciente ao ser evidenciada remete a uma discussão de um “eu” que é atemporal.

**Palavras-chave:** Amor, Alteridade e Contemporaneidade.

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, pamera\_santos@yahoo.com.br; bolsista pela FAPERJ.

## INTRODUÇÃO

Uma obra importante nessa discussão é *O Banquete* de Platão, a partir das considerações do seminário 8 de Lacan, com destaque na fala de Sócrates e algumas considerações das falas de Agatão e Alcebiades, estes três formam uma relação com o ideal do amor; *amor, amar, amante*.

A partir do que se apresenta no seminário supracitado, o amor visa o *ser*, mas que *ser* é esse? Só poderá ser um *ser* suposto. Segundo Lacan, no amor não pode haver traição desse *ser* suposto. O amor, enquanto paixão – Matriz imaginária; a imagem – é capturado pela imagem do outro. É como se o outro tivesse tudo para completar o “eu”. O outro é objeto de desejo e a posse do objeto é o que está em jogo na paixão. Surge então o ódio como o ambivalente do amor, pois ou se tem o objeto como meu ou de mais ninguém.

A ignorância da paixão diz respeito ao sujeito, pois a ignorância enquanto paixão é não querer saber o que está recalcado. Dentro dessa perspectiva, encontra-se a denegação, que revela até que ponto o “eu” quer se manter distante do recalque. Um outro ponto importante é a colocação de que além do objeto (nada) apenas idealização – sublimação – amor impossível. Encontra-se, então, a castração. O ser humano é marcado por uma falta radical, esta falta, de certa forma, estabelece os possíveis no destino desse ser humano. Castração tem a haver com incompletude.

O real está sempre na ordem do inapreensível, pois o imaginário é tudo o que é capturado pelo olho. Porque não se encontra o objeto do desejo é que o desejo é sempre o mesmo. Nesse sentido o gozo, por melhor que tenha sido, não é o ideal, pois senão não se tentaria outra vez, nessa perspectiva, o que resiste a morte é o gozo da vida.

Outro ponto importante, nesta construção de um olhar sobre o amor, é o saber do outro, que vem acompanhado da idealização do *ele sabe*. Porque suponho que o saber do outro é sobre mim. A partir desse saber há a suposição de gozo. O que aciona o amor de transferência não vem por reconhecimento, mas por suposição de saber. Quanto maior a potência do valor do saber que eu suponho ter no outro, maior a distância desse saber ser real no outro suposto. A liquidação da transferência ocorre com a percepção de que o saber que se supõe no outro é impossível. Sócrates nada sabe, mas sabe o que é o amor. O amor continua sendo o seu maior segredo, pois não é porque sabe o que é, que este

ame (ignorância). Nesse amor de suposição, o amor correspondido é o amor exigido, se é amado a partir do que se supõe ser o amor, pois não há o reconhecimento de ser amado. O que está em cena é o objeto e não o amor em si.

Considerando as perspectivas apontadas, tem-se também na história do Sr. José esse encontro com o amor, ódio e ignorância que Lacan descreve em seu seminário, uma vez que tudo é feito para alcançar a mulher desconhecida, mas ao percorrer essa trajetória em busca de seu objeto de desejo, o que o personagem encontra não é o outro, mas a si mesmo.

Por fim, este artigo tem como objetivo apresentar uma aproximação dos textos dos autores Platão e Saramago pelo viés das concepções sobre o amor, apresentadas por Lacan nos textos já mencionados.

## METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma questão levantada durante as aulas de Literatura Portuguesa, ministradas em 2009, para pós-graduandos (mestrado e doutorado) da UERJ, cujo tema era Literatura portuguesa e comparativismo/ O estranho como assombro e familiaridade, lecionadas pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nadiá Paulo que trabalhou o tema sob o prisma do amor na literatura e na psicanálise, abordando também o ódio e a ignorância.

Para Tanto, alguns textos foram usados, como o seminário 8 de Lacan, O Banquete de Platão, além de alguns textos de autores portugueses. O autor Saramago e seu romance *Todos os nomes* foi escolhido por mim, por se tratar de um dos textos abordados em minha dissertação de mestrado.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### Amor, amar, amante

Tem-se dito que amar é procurar alguém a outra metade de si. Por mim, entendo que nem é procurar sua metade nem seu todo, se metade e todos não são bons. Tanto assim que os homens deixam que lhes amputem pernas, e braços quando tais membros, por doentes, se lhes tornam prejudiciais (PLATÃO, 2005 p.66).

Sócrates ao fazer o seu elogio ao amor dá destaque a três pontos que Lacan trabalha de perto em seu seminário. Amor, como aquilo que revela uma falta; amar, a partir do ponto daquilo que não se sabe; e amante, o

objeto de desejo. Tais conceitos encontram representações em Agatão, Sócrates e Alcebiades, sucessivamente.

Lacan, no início do capítulo IX do seminário 8, irá discutir o porquê da substituição no auge da fala de Sócrates por uma mulher, Diotima. Na verdade, Sócrates vai se colocar de forma ambígua, pois aquela que ele irá dar voz vai se exprimir pelo mito. Essa substituição de Sócrates por uma mulher revela uma falta que é indispensável ao amor, pois daquilo que deseja só pode ter sua falta. Lacan vai acrescentar que é a partir da mulher que existe em Sócrates que, nesse momento, o mesmo vai deixar falar.

O discurso de Diotima vai colocar em cena o questionamento do que falta aquele que ama, o que se tem como resposta são os bens, pois aquele que os ama, ama-os para gozar deles. Para trazer alguma especificação dos bens, Diotima introduz o amor do belo, pois este é o caminho por onde se exerce a atração pela posse, o gozo de possuir. Eis o ponto no qual a mulher em Sócrates define o amor.

Segundo Lacan, o belo não exerce uma relação com o ter, mas com o ser e o ser aqui é o ser mortal. Este se perpetua pela geração que é regida pelo domínio do perecível, no qual há a alternância entre geração e destruição. Sócrates apresenta a realidade da geração como inferior. O humano é completamente afetado por essa alternância e, por isso, o belo encontra sua fase mais elevada no domínio das essências, que nem a geração nem a corrupção a afetam, pois essa pertence às formas eternas. Logo, o belo é aquilo que ajuda o ser a atravessar as passagens difíceis, não sem dor, mas com a menor dor possível, a fim de guiar tudo o que é mortal até o que o ser tanto deseja, a imortalidade. Todo o discurso de Diotima conduz a função da beleza como sendo uma ilusão pela qual o ser perecível é sustentado em sua essência, que é a aspiração pelo eterno.

[...] todos os homens trazem em si o poder de gerar segundo o corpo e o espírito; e, chegados a certa idade, sentem o desejo natural de procriar. Ora, esta procriação só pode consumir-se no belo. Da união do homem com a mulher resulta uma criação. É obra divina, porque a geração e parturição garantem a imortalidade a todo ser vivente e sujeito à morte (PLATÃO, 2005, p.67).

O que está por trás da busca pelo eterno através do belo é a morte, pois o belo será o mediador entre o sujeito e a sua relação com a morte, uma vez que aquele é regido pelo imortal. Para Lacan, é o desejo de morte, enquanto inabordável, que o belo é destinado a dissimular. Há um deslizamento da ideia de belo no discurso de Diotima, este não é visto

como meio, mas como transição que faz com que ele seja o próprio objetivo a ser buscado.

O belo desliza o seu sentido daquilo que seria prioridade na busca do ser e se torna a finalidade desse caminho. Lacan afirma que a dialética do amor desenvolvida por Diotima nada mais é do que a função metonímia no desejo, pois se trata de algo que está para além de todos os objetos, que está no caminho de um certo objetivo e rumo a uma perspectiva sem limite<sup>2</sup>.

Realmente, o verdadeiro método de se iniciar, ou ser por outrem iniciado, no amor, consiste em amar primeiro as belezas corporais para depois alçar-se à beleza suprema, transpondo todos os degraus da ascensão. Passa-se de um só belo corpo para dois; de dois para todos os outros; dos belos corpos às belas atividades; destas às belas ciências; até que se chegue à ciência que outra não é senão a ciência do belo (...). Sim, caro Sócrates, se para o homem a vida vale a pena ser vivida, é do momento que ele contempla a absoluta beleza (PLATÃO, 2005 p.74).

Dessa maneira, o que o sujeito deve procurar não é ter, mas ser, pois, o que há nessa busca é uma identificação com esse supremo amável. Ou seja, quanto mais deseja, mais se torna ele mesmo desejável<sup>3</sup>. Aqui, encontra-se o amor na sua forma mais completa: amor, amar e amante.

### Ele não sabia

- É um grande gênio, Sócrates; porque todo gênio é o meio-térmo entre o mortal e o divino.
- E qual a função desses gênios?
- A de mensageiros e intérpretes dos homens para os deuses e dos deuses para os homens (...) preenchendo o espaço que separa o homem de Deus, os gênios unem o Todo a si mesmos (PLATÃO, 2005 p.61).

Na dialética socrática, *o ele não sabia* é a fórmula do amor, o que Diotima vai mostrar de novo a Sócrates é que o amor não é um deus como

2 Lacan, Seminário 8 p.132

3 IdeM

ele supunha, mas um gênio. Sócrates tem o conhecimento do amor, é, inclusive, um dos seus maiores conhecimentos, mas deixa outra falar em seu lugar como estratégia para parecer ignorar algo sobre o assunto e, portanto, permanecer na zona do *ele não sabia*, para deixar que alguém fale sem saber.

É a partir dessa estratégia que o mito contado por Diotima ganha seu destaque, pois o amor vai ser gerado durante a embriaguez e sono de Poros, o deus da abundância, ora com todo o seu poder, foi no momento de sono, no momento de total entrega aquilo que não se sabe nada (inconsciente) que o amor é concebido. A Aporia, deusa da pobreza e que em seu feminino é revelado a falta, com astúcia, se aproveita desse momento de entrega e realiza o seu desejo de produzir o amor. O que se percebe é a inversão da lógica, o deus da abundância, o qual tudo lhe pertence, ignora algo; e a deusa da pobreza, a qual tudo lhe falta, deseja algo. É dessa contradição que surge o amor.

Fica também no meio termo entre a sabedoria e a ignorância. Realmente, nenhum dos deuses poderia filosofar, nem desejar a ciência, porquanto ciência e filosofia são já seu apanágio. Nenhum filósofo precisa de filosofar. O mesmo se pode dizer dos ignorantes, nenhum dos quais deseja a filosofia, porque o mal da ignorância é tornar contentes consigo mesmos os que, não sendo bons nem sábios, cuidam que o são. Ninguém deseja senão o de que julga privado (PLATÃO, 2005 p.63).

Essa é precisamente a razão do jogo de Sócrates ao deixar que Diotima fale em seu lugar, para ensinar sobre o amor ele faz essa escolha, no discurso, a deixa falar do ponto onde ele não sabia.

### **A relação do amor**

-Tu Sócrates? Tu que aqui te puseste de emboscada para me apareceres, como é teu costume, onde eu menos esperava? Que vieste aqui fazer hoje? Por que te reclinaste neste leito? Por que, em vez de colocares ao lado de Aristófanes ou de algum outro ironista, ou reputado tal, vieste deitar-te junto do mais belo de todos os convivas?

-Socorre-me, Agatão. O Amor deste homem para comigo não me é pequeno embaraço. Desde que começou a amar-me, não posso mais encarar um belo mancebo ou conversar com ele, sem que a inveja e o ciúme o levem a incríveis excessos (...) (PLATÃO, 2005 p.76 e 77).

Apesar de Sócrates apontar uma forma de discursar sobre o amor, ele não faz referência à relação do amor, essa só vai ser percebida com a grande entrada do *amante*, Alcebíades. Todas essas histórias contadas e elogios ao amor estão encerradas em si mesmas, com apenas a entrada de um embriagado somos devolvidos a realidade do amor. Alcebíades traz com a sua chegada a terceira realidade do amor, o amor encarnado: o amante. Nesse jogo já falou aquele que sabe, aquele que sabendo, apresentou que se deve falar sem saber. Agora surge a realidade do amor que não se mostra em harmonia.

Sócrates é posto como um ser amável e divino, portanto desejável e desejado por Alcebíades que quer guardá-lo para si. Ao expor Sócrates, Alcebíades quer afastar a concorrência, tamanha é a perturbação que esse objeto lhe causa. Com autoridade, ele muda o jogo que passa de elogio ao amor para o outro, o vizinho que está ao lado. Dessa maneira, coloca em ação, e não mais apenas em palavras, o amor, evidenciando a relação com o outro. Alcebíades ao falar de Sócrates tenta provocá-lo, contando pormenores da aventura que tiveram juntos, para que Sócrates manifestasse o seu desejo, pois Alcebíades sabe desse desejo e quer um sinal desse outro. Por um lado, ele desmascara Sócrates e, por outro, quer ser tudo o que ele precisa.

Sabia-o tão invulnerável ao ouro como ájax o era, de todos os pontos, contra ferro, e sentia-o fugir-me ao único dardo com que procurara feri-lo. Desorientado, sem saber o que fazer, errando às cegas, sentia-me mais escravizado a este homem do que qualquer escravo a seu dono (PLATÃO, 2005 p.79).

O que está revelado no amor de Alcebíades é um desejo “metonímio”, no qual, em Sócrates converge todos os seus objetos de desejo, Sócrates é a imagem que representa tudo o que Alcebíades acha que precisa e o seu eu idealiza, ele é o seu tesouro, por isso o outro ganha destaque e há essa oferta de si mesmo a ele. O objeto amado é o ponto onde começa todos os outros e onde há identificação do eu ideal.

### **Sr. José**

Neste momento, faremos a ponte com o personagem de Saramago, o sr. José. Pois, esse ao descobrir um novo sentido de vida, irá canalizar todo o seu desejo em uma mulher que lhe é desconhecida. A procura por essa mulher mostra o quanto, no fundo, ele estava a buscar ele mesmo,

o seu eu ideal. É um texto da contemporaneidade, mas que apresenta todas essas contradições do amor movido pelo desejo, no qual o outro não existe enquanto ser, pois está apenas no seu imaginário, mas é o objeto de desejo para o qual convergem todos os outros.

Vejamos quem ele é, quais as suas afetações.

### **Um objeto, um desejo**

O Sr. José, único personagem que Saramago revela o nome, em um primeiro momento descrito como um funcionário exemplar (indivíduo dócil e disciplinado para produzir), o único que ainda vivia na conservatória, ainda que o tivessem proibido de usar uma passagem que existia entre sua casa e a conservatória. O Sr. José possuía a mania de colecionar reportagens e recortes da vida de pessoas famosas. Em nome dessa mania, esse começa uma sucessão de transgressões das regras da conservatória, pois tem a grande ideia de possuir o registro de nascimento daquelas pessoas. Sua primeira grande transgressão é utilizar a passagem proibida para ter acesso àqueles registros e depois devassá-los. Saramago narra toda a agonia, a luta interna que a personagem sofre ao transgredir a ordem. Entre os registros que a personagem consegue roubar para copiar, essa encontra o registro de uma mulher desconhecida. A partir daí o romance foca a investigação que o Sr. José trava para descobrir o que estava além do nome da desconhecida: a história, a origem o cotidiano. O Sr. José é tomado pelo desejo de vigiar uma história alheia. Esse desejo o faz transgredir a ordem a todo o momento, é como se o Sr. José tivesse descoberto uma nova forma de vida em que as regras da conservatória e da sua própria sociedade já não o podiam conter. Dentro da sua “dês-ordem” ele cria as suas próprias regras para chegar à mulher desconhecida, fazendo dessa investigação um sentido de vida, que o individualiza e o peculiariza da dicotomia: vivos e mortos.

A mulher desconhecida só pode ser percebida através da busca do Sr. José, e é a partir daí que o Sr. José dá vida a ela. Ao procurar o local onde ela nasceu, invadir, durante a madrugada, a escola onde ela estudou, o Sr. José tenta percorrer o labirinto desses registros para encontrar onde foi parar a dona daquela história. Mas, no final das suas investigações ele percebe que sempre esteve à procura de uma pessoa morta, de uma professora de matemática, solitária, que se suicidou aos trinta e seis anos. Dois “sujeitos” da duplicidade da condição humana: o Sr. José (vivo), a mulher desconhecida (morta). Porém, o encontro que o primeiro tem



com o segundo (o objeto de seu desejo) o transforma e o faz perceber que há algo além daquela morte registrada: a sua própria vida.

Ao encontrar o verbete da desconhecida é como se o sr. José descobrisse que algo lhe faltava, que estar vivo é exatamente atender essa falta, entendendo que ela é incompletude, mas ao mesmo tempo nela está dissimulado o próprio impulso de vida. É porque me falta algo que parto em uma busca, cujo caminho é o próprio sentido de vida e o outro que tanto quero alcançar cada vez mais só me revela a mim mesmo.

O que José ignorava era a vida, pois a vivia de forma repetitiva e reduzida a não desejar para gozar de uma pseudo-segurança. E é exatamente quando ele não sabia que iria encontrar o verbete da desconhecida que o acaso lhe permite perceber a falta.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é possível perceber, uma questão que permeia todo o texto é *a falta*, essa irá aparecer de diferentes maneiras, mas sempre apresentando o mesmo efeito. Pois, ela só pode, em seus efeitos, revelar o “eu”. É porque percebo no outro algo que me falta que o desejo e o amo enquanto objeto, pois esse, no imaginário, será usado para disfarçar essa falta.

*Ele não sabia* é a melhor metáfora para descrever o amor, pois até é possível dissimular, de certa forma ignorar, essa *falta* e viver em estado de alienação (como faz o Sr. José e o deus Poros), mas diante do encontro com o amor revelado no outro a sensibilidade a essa falta é evidenciada. Porque ignorava *não sabia* o que me faltava, não percebia a minha incompletude, da qual o amor torna-se o mediador, ora completando ora revelando.

Agatão, Sócrates, Alcebíades e Sr. José revelam diferentes objetos por onde o amor os captura seja pela divindade e elevação; ou pela genialidade e beleza; seja pela desarmonia e ação; ou, ainda, pelo puro impulso de vida. No que há na condição humana de efêmero e incompleto, o amor mostrará um caminho transcendente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, conciliar literatura e psicanálise é, de alguma maneira, ampliar a capacidade de estudo da complexidade do ser humano e suas

afetações ora perceptíveis como objeto de desejo ora como ser em si, autêntico, capaz de enxergar o outro em sua autenticidade também.

Outra possibilidade, dessa união, é a ligação entre o antigo e o contemporâneo, pois a concepção de subjetividade e inconsciente ao ser evidenciada, como estudos e divulgação como ciência no século XX, remete a uma discussão de um *eu* que é atemporal.

## REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário 8. A transferência (1960- 1961)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

PLATÃO. **O banquete do amor**. Trad. introd. e notas de J. Cavalcante de Souza. 3ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2005.

SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.